

Ivo Andrade

# Rostos Mutantes

SANDRA VIEIRA JÜRGENS | savjs@sapo.pt



Batatas esculpidas

**Ivo Andrade** (Trancoso, 1984) está a concluir a sua formação no curso de Artes Plásticas na ESAD (Escola Superior de Artes e Design), nas Caldas da Rainha, e foi recentemente nomeado para o Prémio BES Revelação. O seu trabalho, que pode ser visto no Museu de Serralves até 6 de Janeiro, compõe-se de esculturas e fotografias que nos apresentam peças esculpidas em batata. Na medida em que essa matéria passa por um processo de decomposição natural, a sua aparência ganha aspectos indeterminados e múltiplos contornos plásticos.

**arq./a:** Acaba de ser seleccionado para o BES Revelação com obras fotográficas que registam os vários momentos do processo de deterioração das esculturas de rostos feitas em batata. Qual é a ideia central deste trabalho?

**Ivo Andrade:** Uma ideia central das fotografias que estão expostas nesta exposição no Museu de Serralves é a de tocarem questões ligadas à fotografia documental. Também é importante o captar e mostrar as várias alturas do processo de decomposição das batatas. Contudo, nelas não tem de estar captada essa literalidade. O que me interessa abordar neste trabalho são praticamente questões sobre a problemática do documento. Trata-se duma reflexão sobre o documento fotográfico, basicamente sobre

como é feita essa documentação fotográfica ou até que ponto aquilo é um documento fotográfico. É uma reflexão que parte do documento fotográfico, mas que depois o encaminha para uma outra dimensão, colocando-lhe outras questões. A forma como as batatas são fotografadas, o modo como essas imagens são apresentadas, o porquê das imagens que são documentadas, tudo isso sustenta a reflexão sobre o trabalho.

**arq./a:** Inscreve aquele trabalho no campo da fotografia? As questões que lhe interessam explorar estão dentro do campo fotografia?

**IA:** Aquelas fotografias que estão em exposição no Museu Serralves remetem sobretudo para essas questões. Porém, há outras obras que realizei, como as esculturas de rostos em batatas e outros trabalhos, que se inscrevem fora do campo da fotografia. A escultura dos rostos em batatas e as fotografias das batatas esculpidas não fazem parte dum mesmo trabalho. Vejo-os como se fossem trabalhos diferentes que estão separados e expressam ideias diferentes. Embora acabe por utilizar as esculturas, e represente o mesmo sujeito que é a batata esculpida, eles funcionam como trabalhos autónomos.

Assim, existe um trabalho que se fundamenta em todas essas reflexões



Ivo Andrade, "S/Título" 2007. Fotografias de Rostos esculpidos em batatas. Dimensões variáveis.

*A batata depois de ser esculpida entra num processo de apodrecimento, de decomposição e o rosto deforma-se em função desta, e vice-versa, pondo mesmo em causa o seu reconhecimento enquanto rosto e enquanto batata. Perceptivamente, o objecto (batata esculpida) vai-se modificando com o passar do tempo, ganhando diferentes intensidades de tonalidade e formas, num decurso não controlado, natural e próprio da batata que é esculpida.*

sobre o documento fotográfico, que depois até põe em causa a própria documentação fotográfica. Pode transpor-nos para outros campos da imagem, remetendo-nos para algumas conotações, para a fábula, para o grotesco, para um certo monstruoso, mas também para todos aqueles arquivos antropológicos de civilizações arcaicas.

**arq./a:** O que chama muito a atenção nestes trabalhos é a exploração que faz de um material orgânico. Como é que surgiram estas experiências?

**IA:** A escolha da batata como material do meu trabalho deve-se a vários motivos. E não foi uma escolha repentina ou momentânea, foi algo que foi acontecendo. Prende-se com questões biográficas, mas também com as características que a própria batata apresenta, ou a forma como esse material é encarado, por exemplo a própria banalidade da batata. Também existem outras questões, como as possíveis associações de carácter

irónico, a que esta pode remeter, como “a teoria da batata”, “Potato head”, etc. Há toda uma série de motivos que em conjunto contribuíram para isso e que foram tidos por mim como potencialidades a ser exploradas. Falando em termos biográficos, durante toda a minha vida tive um forte contacto com este tubérculo, participando no processo de crescimento e produção deste. Interessou-me algumas das características das batatas, por exemplo a sua pele e as suas semelhanças com a pele humana. As formas, as texturas que a pele da batata vai criando, a maneira como ela enruga, tudo aquilo é bastante parecido com a pele humana. Também, ao esculpir rostos em batatas estes apenas vão ser visíveis no seu viço nas primeiras horas após terem sido esculpidos. A batata depois de ser esculpida entra num processo de apodrecimento, de decomposição e o rosto deforma-se em função desta, e vice-versa, pondo mesmo em causa o seu reconhecimento enquanto rosto e enquanto batata. Perceptivamente, o objecto (batata esculpida) vai-se modificando com

Ivo Andrade, “S/título”, 2007. Rostos esculpidos em batatas suspensos e telescópio. Dimensões variáveis.





: Ivo Andrade, "S/título", 2005. Fotografia de médio formato, impressão Lambda. 80 x 80 cm

o passar do tempo, ganhando diferentes intensidades de tonalidade e formas, num decurso não controlado, natural e próprio da batata que é esculpida. É no fundo uma escultura condenada, à partida, a “desaparecer”. Acabada, na medida que não é mais trabalhada pela “mão”, inacabada porque se altera e transforma incessantemente, aparentando diversas matérias como a pedra, a madeira, a cera, a resina. Neste processo de esculpir um rosto em batata, que vai depois aprofundar, está implícita a noção de tempo. As fotografias são uma evidente metáfora da acção do tempo sobre as coisas. E como já disse não é indiferente que eu plasme essa metáfora sobre rostos de aparência humana e que o faça recorrendo a coisas tão prosaicas como batatas. Uma segunda dimensão fantasmática emerge para além do carácter espectral que imediatamente se oferece com o dispositivo fotográfico: o do contacto com um rosto e o inevitável reconhecimento especular que este impõe. No limite, se nos remetem para uma intuição da duração, esse é um tempo humanamente vivido. Com as esculturas de rostos em batata tenho a possibilidade de trabalhar essa referência ao tempo e fazer menção a esse desaparecimento, captar esse caminhar para uma ausência. Também me fascinou sempre a ausência, esse acto de representar algo que não está, ou representar algo que está para não estar. Até não-ser.

**arq./a:** Apresenta as esculturas sem serem fotografadas?

**IA:** Sim, na exposição de Serralves também apresento um trabalho com as esculturas dos rostos em batatas. Já fiz um trabalho antes, em que apresentava as esculturas sem serem fotografadas, e o modo de apresentar esse trabalho sempre foi em parte um “problema” que se me apresentou, e com o qual frequentemente me questioneei, pois interessava-me trabalhar sobre a ausência, tentando à partida que essa ausência fosse real, sentida pelas pessoas. Em que a obra realmente desaparecesse. À partida a apresentação das batatas, através de plintos, vitrines, etc, não era para mim viável, pois a batata desapareceria, mas o plinto e a vitrine, esses ficariam sempre. Então fiz um trabalho na Escola no qual pedi autorização para usar o espaço da antiga cantina. Especificamente uma divisão onde antes se depositavam as batatas e os legumes e onde, curiosamente, também já tinha sido antes uma morgue. Para apresentar o trabalho furei a parede e construí todo um espaço dentro da parede para colocar no interior as esculturas em batata. Em Serralves está também um trabalho no qual eu apresento, neste caso, apenas uma batata e que essa, como o trabalho na antiga cantina, está lá mesmo fisicamente, materialmente. É um telescópio que coloquei dentro do espaço de exposição, a partir do qual as pessoas poderão ver batatas





Ivo Andrade, "S/título", 2005. Fotografia de médio formato, impressão a jacto de tinta. 80 x 80 cm.

Ivo Andrade, "S/título", 2005. Fotografia de médio formato, impressão Lambda. 80 x 80 cm

Ivo Andrade, "S/título", 2005. Fotografia de médio formato, impressão Lambda. 80 x 80 cm.

a aprobeccer, mas estas não estão no espaço de exposição, estão no exterior, suspensas. Mais uma vez, tal como no documento fotográfico, é a partir de um dispositivo, o telescópio, que nós vemos a obra.

Existe também uma outra série de trabalhos que também se prende com essa questão do dispositivo. Por exemplo, uma série de 6 desenhos selados dentro de umas caixas de metal. Esses desenhos, antes de serem selados para sempre dentro dessas caixas de metal, é-lhes tirada uma prova fotográfica à escala real, que vai ser colada na superfície da caixa do desenho à qual a prova fotográfica diz respeito. Ou seja, o desenho não será visto senão a partir da fotografia, sendo o dispositivo da fotografia o único meio de termos acesso à obra. Tal como no telescópio. O telescópio não é o trabalho, mas o trabalho só existe a partir do telescópio, pois é a partir dele que o vemos.

**arq./a:** Nesses trabalhos interessa-lhe fundamentalmente a questão da mediação?

**IA:** Nesses trabalhos interessa-me sim a mediação, mas não apenas isso. Os outros aspectos que tenho vindo a referir são igualmente aspectos para mim relevantes.

**arq./a:** Como encara a questão de explorar uma dimensão tridimensional na condição bidimensional da imagem?

**IA:** No caso das fotografias...? Sim. Tento preocupar-me o mais possível com a imagem, com toda a questão da cor, da textura e daí a minha preocupação de fotografar pensando muito bem sobre o enquadramento, sobre a luz, a posição, a definição da imagem. Para mim, as batatas depois de fotografadas, deixam de ser uma coisa tridimensional e passam a ser apenas imagens. Nesse aspecto tento pensar o mais possível como um pintor, ou um desenhador.

**arq./a:** De onde é que veio o interesse pela fotografia? Foi uma escolha ou ela serve-lhe especificamente este propósito?

**IA:** Sim, a fotografia serve este propósito. Não acho que seja o facto de ter feito agora estes trabalhos em fotografia que faz de mim um fotógrafo. As minhas preocupações sempre estiveram no campo das Artes Plásticas.

Utilizo o *medium* da fotografia, tendo como referência as artes visuais e não as práticas da fotografia. Mas cada vez mais, está generalizada a utilização dos mais variados tipos de práticas, suportes e meios, por parte dos artistas na realização das suas obras.

**arq./a:** Como é que define os seus projectos? Qual é o seu método de trabalho?

**IA:** Em relação a estes aspectos, tenho a certeza que não são processos lineares. Há sobretudo duas vertentes. Há aquelas ideias sobre um trabalho em que começo a usar um determinado material, um determinado suporte e a partir daí o trabalho vai-se desenvolvendo. Por outro lado, existem projectos em que tenho algumas ideias, nas quais vou pensando sem que sejam coisas que as ponha em prática de modo a finalizá-las logo. São ideias que vão ficando ao longo do tempo. Por exemplo, agora, estou a desenvolver algumas que surgiram há dois ou três anos. Os projectos vão-se pensando e constroem-se naturalmente. Agora estou a reflectir sobre algumas ideias que poderão um dia mais tarde vir a ser realizadas; mas também é possível que algumas delas nunca venham a realizar. Se poderá acontecer "ficarem pelo caminho". Também há outras situações em que trabalho sobre determinadas questões que me acabam por transportar para outros campos, para outros suportes. Eu acho que nesse aspecto sou um pouco caótico, mas no bom sentido.

**arq./a:** E por vezes parte de um conceito?

**IA:** Às vezes assim acontece. Partir duma ideia e pensar no suporte a utilizar para a colocar em funcionamento. Podendo, no entanto, no final, utilizar um outro suporte diferente daquele no qual pensei a princípio. O processo vai-se desenrolando e muitas vezes aparecem outras "coisas".

**arq./a:** Mas para si é mais importante explorar um material ou uma ideia?

**IA:** Embora nunca tenha pensado muito sobre isso, acho que é errado fazer a apologia de um único. Acho que é preciso haver trocas entre um e outra. A ideia em si é importante, mas depois tem de haver o resto.



Ivo Andrade, "S/título", 2005. Fotografia de médio formato, impressão Lambda. 80 x 80 cm.

Ivo Andrade, "S/título", 2005. Fotografia de médio formato, impressão a jacto de tinta. 80 x 80 cm.

Ivo Andrade, "S/título", 2005. Fotografia de médio formato, impressão Lambda. 80 x 80cm

É sempre preciso executá-la, num suporte, com um meio. Este também é sem dúvida importante pois é a partir deles que "correm" as ideias.

**arq./a:** Actualmente, em que é que está a trabalhar?

**IA:** Neste momento tenho algumas ideias, mas resumindo vou tentar continuar a pôr em prática os meus projectos.

Vou tentar criar e sobretudo crescer. Tenho muita necessidade de aprender acerca de tudo.

**arq./a:** Como é que encarou o facto de ter sido seleccionado para o BES Revelação? Que expectativas lhe trouxe essa nomeação?

**IA:** Inicialmente... com surpresa. Em termos de experiência, pude crescer e de certa forma tive a oportunidade de passar por certas experiências que de outra forma não teria possibilidade: contactei com instituições, como é a de Serralves, com toda a equipa que está por detrás do museu, com a equipa de montagem.

Estive envolvido na organização, em toda a questão da produção das obras e nesse aspecto foi bastante bom, gostei bastante de ter tido essas oportunidades e a possibilidade de estar ali a aprender, de ver. De estar a ver desde o lado de dentro, o que antes apenas via do lado de fora.

**arq./a:** A nomeação aconteceu quando era ainda finalista do curso de Artes Plásticas da Escola Superior de Arte e Design (ESAD), nas Caldas da Rainha. Na altura da montagem da exposição sentiu que a sua formação escolar o tinha preparado para essa experiência de contacto com o mundo profissional? Foi complicado? Estava à espera de algo diferente?

**IA:** Em termos de apresentação do trabalho há sempre coisas em que uma pessoa não pensa porque simplesmente nunca tinha sequer tido a oportunidade de pensar nelas.

Aspectos como a organização das imagens para a imprensa, os textos, os currículos, a questão da planificação da montagem das peças, a preparação da ficha técnica e da descrição das obras, era algo que ainda não tinha tido muitas oportunidades de fazer, para além de que havia a agravar os curtos prazos da entrega desses materiais.

**arq./a:** Estava mais preocupado com as obras?

**IA:** Sim, estava mais preocupado com as obras. Pensava em como as deveria apresentar, no seu sentido, de forma a não turvar, nem distorcer o sentido das obras. Basicamente eram essas as minhas preocupações. Nesse aspecto foi uma experiência nova, na medida em que era algo sobre o qual nunca tinha pensado antes.

Na escola não nos deparamos com certas questões ou não passamos por elas necessariamente.

**arq./a:** Em que área se licenciou?

**IA:** Agora com o processo de Bolonha o sistema alterou-se, mas quando entrei para a ESAD tínhamos um primeiro ano que era geral, de artes plásticas e, no segundo ano, tínhamos de escolher entre pintura, escultura e cerâmica. Depois no quarto e quinto ano, a licenciatura, voltava a ser outra vez de formação geral em artes plásticas. No meu caso escolhi pintura no segundo ano.

**arq./a:** De que forma é que a sua formação escolar o direccionou para o tipo de trabalho que faz actualmente? Que tipo de influências foram marcantes para definir uma linha de trabalho e não outra?

**IA:** Há artistas de quem gosto bastante. São muitos e fui sempre muito influenciável em alguns aspectos. Também existem outras coisas que não me dizem nada. Mas de facto houve muita coisa que eu gostei e acompanhei de perto, deixando-me influenciar um pouco. Talvez não dê nenhum resultado em concreto, mas tudo junto acaba por contribuir. Gosto desde artistas antigos, como por exemplo Jeronimos Bosch, até artistas da actualidade. O último artista que pesquisei foi Wim Delvoye. Gosto bastante do seu trabalho, da forma como ele trabalha e da sua postura face à arte e cultura actuais.

**arq./a:** O que é que lhe interessa mais na arte actual?

**IA:** Não há nenhuma coisa sobre a qual eu possa dizer: é isto que me interessa. Não sei se algum dia conseguirei dizer isso, mas para já não consigo. Pelo menos assim em "duas palavras". Não consigo dizer ao certo, porque interessa-me tanta coisa e ao mesmo tempo, nada... ■